

## RESENHA

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho<sup>1</sup>

A crítica canadense Linda Hutcheon propõe em seu livro *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX* um estudo sobre a configuração das práticas artísticas modernas. Dentre essas práticas, o estudo dá especial destaque à paródia, reconhecendo-a como um fenômeno presente na tradição artística, mas analisando-a através da reconsideração de sua natureza e função à luz da modernidade. A autora tem consciência de que os ecos paródicos não são exclusivos do século XX, mas o grande número de obras que se constitui a partir dessa construção formal nos mais diversos meios artísticos sinaliza a importância adquirida por essa forma a partir desse século. O estudo compreende que a paródia é repetição com diferença, um modelo complexo de “transcontextualização”, inversão e revisão crítica que remete à arte moderna a sua tradição.

O livro divide-se em cinco capítulos: o capítulo denominado *Definição de paródia* especifica a forma paródica abordada pelo estudo e desenvolve comparação entre as definições das formas paródicas constantes ao longo da história literária; no capítulo *O alcance pragmático da paródia*, são apresentadas, através de exemplificações da arte ocidental, as diferentes funcionalidades da paródia; em *O paradoxo da paródia*, Linda Hutcheon realiza um paralelo entre seu conceito de paródia e aquele proposto por Bakhtin – conceito que considera insuficiente para abranger a arte produzida a partir do século XX; e no quinto capítulo, denominado *Codificação e descodificação: os códigos comuns da paródia*, são observados o *status* mimético e ideológico da paródia.

A metodologia proposta para o desenvolvimento desse estudo é a observação da natureza e função da paródia nas obras de arte e a partir daí a elaboração de teorias que contemplam esse fenômeno. Esse é um aspecto importante a ser destacado, visto que o estudo parte da prática artística para fundamentar as noções teóricas de modo a contemplar as especificidades formais e funcionais assumidas pela paródia em diferentes contextos.

O estudo ressalta que o interesse contemporâneo pela paródia é motivado no contexto geral das interrogações acerca das práticas artísticas que se caracterizam por apresentarem no seu interior alguma forma de discurso sobre os próprios princípios que o validam num processo de autorreflexividade, constituindo o que a autora denomina de primeiro comentário crítico. Sua avaliação é que essa é uma tendência que não afeta apenas o âmbito artístico, compreendendo também outras formas de conhecimento humano. Assim, para a crítica, a paródia é uma das formas mais importantes da moderna autorreflexividade, e uma forma de discurso interartístico da literatura metaficcional.

Linda Hutcheon observa que a paródia tem sido considerada parasitária e derivativa desde a introdução de uma estética romântica que acreditava na originalidade e individualidade da criação estética, refletindo uma ética capitalista que compreendia a

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba.

literatura como uma mercadoria pertencente a um indivíduo. Sob essa perspectiva, acredita que a paródia necessita de defesa e se propõe a fazê-lo. O estudo considera que a capacidade interartística da paródia subverte a singularidade romântica e aponta a necessidade de reavaliar todo o processo de composição textual. Os artistas modernos reconhecem que a mudança só é possível através da continuidade e oferecem um modelo para o processo de transferência e reorganização desse passado. Ao subverter as convenções que regem a constituição desse modelo, a paródia assume a função de elemento problematizador, levando o receptor a pensar e reavaliar determinadas convenções estéticas.

De acordo com o texto, a autorreflexividade e a autoconsciência da arte moderna pode tomar a forma de paródia e oferecer um modelo que se superpõe a outro. Esse modelo do passado é reativado a partir de sua recontextualização. Ao destinatário é exigido o seu conhecimento e memória. Ele precisa reconhecer as convenções estéticas que estão sendo reconsideradas e o propósito dessa reconfiguração.

O conceito de paródia abordado em *Uma teoria da paródia* não contempla apenas a repetição ridicularizadora, comum nas definições dos dicionários populares, mas atende a denominada paródia do século XX, que inclui um paralelismo associado à diferença irônica, um modelo de imitação caracterizado pela distância crítica que nem sempre é constituído na forma de riso. O estudo compreende que texto parodiado não visa ao desrespeito e pode até mesmo corresponder a uma homenagem, sendo mais adequado vê-lo como um modelo do qual o moderno se afasta. A importância maior do modelo paródico do século XX, estudado por Linda Hutcheon, recai sobre as subversões realizadas em relação às convenções da forma parodiada e a abordagem criativa que se faz da tradição e que permite o estabelecimento das diferenças a partir do paralelismo. Desse modo, a paródia não se constitui de imitação nostálgica de modelos passados, mas de um fenômeno que envolve a recontextualização de modelos e a consequente alteração dos sentidos.

Com o objetivo de distinguir o tipo de paródia constituída a partir do século XX, Linda Hutcheon serve-se de exemplos de diferentes formas de arte e demonstra que a paródia em obras não-literárias não se limita a ser uma transferência da prática da literatura, mas enfatiza que cada modalidade artística como a artes literária, visual, musical, etc., possuem suas próprias estratégias de recontextualização da tradição. O estudo reafirma que, embora haja denominadores comuns nas definições da paródia em todas as épocas, não há definições trans-históricas da paródia e esta se constituiu por diferentes formas e funções ao longo de sua existência. Ao situar a paródia nas diferentes épocas, a pesquisa demonstra, por exemplo, que no período setecentista, a paródia se afasta da ideia de respeito e sua função passa a ser o malicioso e denigrativo veículo da sátira, papel que continua a desempenhar até nossos dias em algumas formas de paródia. Já no século XIX, a paródia assume diferentes formas e em Jane Austen, por exemplo, ela é constituída por uma perspectiva que desafia a definição de paródia como ridicularização conservadora dos extremos das modas artísticas. Por vezes, no entanto, a paródia transforma-se em epopeia cômica, casos em que as obras do passado tornam-se modelos estéticos, cuja remodelação numa obra moderna tem por finalidade uma sátira ridicularizadora dos costumes ou práticas contemporâneos.

Ao comparar a paródia com outras formas de imitação, o estudo avalia que em relação à intenção, a paródia aproxima-se da imitação criativa por também aliar a rejeição filial com o respeito e indica que a “transcontextualização” irônica é o que distingue a paródia do *pastiche* ou da imitação. O estudo salienta que diferente da

paródia, a sátira é simultaneamente moral e social no seu alcance e aperfeiçoadora na sua intenção.

Linda Hutcheon observa em sua análise que teoricamente qualquer forma codificada pode ser tratada em termos de repetição com distância crítica, mesmo que esta não seja do mesmo médium ou gênero, e exemplifica tal fenômeno através da indicação de que a literatura sempre teve tendência para parodiar o discurso não-literário. Nas artes visuais há a indicação de que a paródia pode manifestar-se quer em relação a obras particulares, quer em relação a convenções icônicas gerais. Segundo Hutcheon, pinturas como, por exemplo, as diferentes versões de *A Condição Humana*, parodiam convenções, tanto da arte (a função do enquadramento) como da percepção visual. A crítica salienta que por vezes são, de fato, as convenções tanto como as obras individuais, que são parodiadas.

No que diz respeito ao âmbito da paródia, Hutcheon afirma nesse estudo que esta pode operar numa ampla gama de dimensões textuais como nas convenções de todo um gênero, no estilo de um período ou movimento, em um artista específico, compreendendo a atuação em obras individuais ou a parte delas, ou ainda, a modos estéticos característicos de toda a obra desse artista. As suas dimensões físicas podem compreender a amplitude de um livro ou apenas a alteração de uma letra ou palavra de um texto.

Linda Hutcheon afirma que o tipo de paródia desenvolvida a partir do século XX possui identidade estrutural e hermenêutica próprias, constituindo uma forma alargada que pode ser considerada como um gênero, e não como uma simples técnica. Sob sua perspectiva, um aspecto relevante a ser destacado no estudo desse gênero, é a grande variedade de nuances irônica em relação ao texto parodiado, podendo configurar-se como uma crítica séria ou até uma zombaria, revelando formas que expressam admiração respeitosa ou um desejo de ridicularização.

O estudo ressalta ainda que na paródia moderna, um contexto pode ser evocado e depois invertido sem que seja necessário assinalar ponto por ponto toda a sua forma e espírito, já que apenas parte de uma obra pode ser paródica sem que todo o texto seja assim rotulado. Sob essa perspectiva, a autora discorda do conceito de Gérard Genette, que define a paródia como transformação mínima de outro texto.

Linda Hutcheon observa que, embora não seja o único, a paródia é um modo importante de autorreferencialidade e seu uso corresponde ao interesse atual pelas modalidades de autorreflexividade e intertextualidade ou transtextualidade.

Em relação aos sentidos da paródia, o estudo declara que esta pode servir tanto para ressacralizar como para dessacralizar, ressaltando a mudança em vez de sua submissão.

O vigor do livro de Linda Hutcheon, *Uma teoria da paródia*, constitui-se, sobretudo na sua opção pela fundamentação prática em modalidades artísticas, literária e não-literária, decisão que revela a complexidade desse gênero e possibilita ao leitor a percepção das diferentes formas assumidas nas artes modernas. No que corresponde às artes literárias, a quantidade e a qualidade dos gêneros narrativos em que o estudo se baseia oferece oportunidade ao leitor de reconhecer as especificidades de formas e sentidos assumidos pela paródia a partir do século XX.

Recebido em 16-07-2012 Aprovado em 11-08-2012
--